ORACAO
FUNEBRE.
NAS EXPL.
REI DE PORTUGAL
D. JOAO V.
ORAÇÃO FUNE BhRE, NAS EXEQUIAS DO MUITO ALTO, PODEROSO, E FIDELISSIMO REY DE PORTUGAL D. JOAõ V.
ORAÇÃO FUNE BRE,
QUE NAS EXEQ U IAS
DO MUITO ALTO, PODEROSO, E FIDELISSIMO
REY DE PORTUGAL
D. JOAO V.

CELEBRADAS PELA VENERÁVEL
ORDEM TERCEIRA
DA P ENITENCIA,
Na Igreja do Real Convento de São Francisco da Cidade
de Lisboa em 2. de Setembro do anno de 1750.

DISSE, E OFFERECE
A ELREY NOSSO SENHOR
D. JOSEPH I.

O P. Fr. ANTONIO DA GRAÇA,
Commissario Visitador da mesma Venerável Ordem Terceira.
Dada á luz pela Mesa da mesma Ordem.

L ISBOA,
Na Offic. dos Herd. de ANTONIO PEDROZO GALRAM.

ANNO DE M DCC L.
Com todas as licenças necessárias.
Oração Funebre
Das Nossas Exequias
Do Capitão-General
Do Brasil
Lisboa
1700
SENHOR.

Aô ofereço a Vossa Magestade neste papel huma Relação de todas as
as Virtudes, que resplande-

cerão em El Rey Nosso Se-
nhor, que Santa gloria ha-

ja; porque se não pôde redu-
zir a termo o infinito. Apre-
sento só as duas, em que

mais se esmerou, que foraõ,
as da Piedade, e Religiaõ:
esta, que attende à honra, e
gloria de Deos; aquella, que

respeita ao bem, e conser-
vação dos Vassallos. Nes-
tas duas Virtudes se firmaõ
os Reynos, e estabelecem as
Monarquias; e como em V.
Mages\tad\e as estamos já

admi-
admirando praticadas em grão tão heroico, as mes-
mas nos estão também cer-
tificando, o quanto ha de
ser perdurável o governo, e
Imperio de Vossa Mage-
tade, e agradável a Deos,
e aos homens. Guarde Deos
a Real Pessoa de V. Ma-
gestade para tão gloriosos
fins.

Fr. Antonio da Graça.
LICENÇAS
DO SANTO OFFICIO.


EM. MÔ E R. MÔ SENHOR.

Or ordem de Vossa Eminencia vi à Oração Fúnebre, que nas Exequias do Muito Alto, Poderoso, e Fidelíssimo Rey de Portugal D. João V. recitou o Muito Reverendo Padre Frey Antonio da Graça, da Sagrada Ordem de São Francisco, Digníssimo Commissário, e Visitador da sua Venerável Ordem Terceira; e não achei nella coula, que encontre a nossa Fé, e bons costumes, antes muito que louvar, e admirar; pelo que me parece digna de se dar ao prêlo. Vossa Eminencia mandará, o que for servido. São Domingos de Lisboa, aos 14 de Setembro de 1750.

Fr. Joseph Malachias.
Vista a informação, pode imprimir-se a Oração Funebre, de que se trata, e depois voltará conferida para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa, 14 de Setembro de 1750.

Fr. R. de Alancastre. Abreu. Trigofo.
DO ORDINARIO.


EX."O SENHOR.

V I, como Vossa Excellencia foi servido mandarme, a Oração Funebre, que nas Exequias do nosso Alto, Poderoso, e Fidelíssimo Rey Dom João V., recitou o Muito Reverendo Padre Fr. Antonio da Graça, Commissário Visitador da Venerável Ordem Terceira do Patriarca São Francisco, em cuja Igreja do seu Real Convento da Cidade de o a mesma Venerável Ordem huma publica demonstração do seu pezar, e do seu agradecimento. Lembrada dos repetidos benefícios, que lhe fez este piissimo, e sempre memorável Monarca, à vista do sumptuoso Mausoléo, *** ii que
que mandou erigir de exquisita, e primorosa arquitectura, pertendeo exprimir nas vozes a vehemencia da sua inconsolavel saudade. Para este fim não podia achar mais proporcionado Orador, que o seu mesmo digníssimo Commisllario; que pois, pelo seu merecimento, vive nos coraçöens de todos os Terceiros, filhos da sua doutrina, que compõem o mystico Corpo de tão illustre Congregação, melhor do que nenhum outro podia publicar o vivo sentimento, que teve na alma. Com efeito satisfez o Orador ao empenho daquella Veneravel Ordem; porque com a boa formalidade, vasta erudição, e outras nobres circunstancias, com que em semelhantes acções autoriza o seu talento, discorreu sobre a Piedade, e Religiao do nosso Augustíssimo Rey tão altamente, que a todos enternecedor, e admirou. E para que os seus ays cheguem a ouvir-se nas partes mais remotas do mundo, pertendem o Ministro, e mais Mesários da mesma Ordem, que a Oração se imprima. Parece-me que de justiça se lhes deve conceder esta licença; porque a Oração he digníssima do mayor apreço, e nada tem, que offenda a nossa Santa Fé, e bons costumes.
tumes. Vossa Excelência mandará o que
for servido. Real Convento do Carmo de
Lisboa, 16 de Setembro de 1750.

Doutor Fr. Joseph Pereira de Santa Anna.

Vista a informação, pôde-se imprimir o
Sermaô, de que se trata, e depois
torne para se dar licença para correr. Li­s­bo­a, 16 de Setembro de 1750.

D. J. A. de L.
D O P A C O.


SENHOR.

O mandado de Vossa Magestade vi a Oração Fúnebre, que recitou, não tem admiração dos ouvintes, o Muito Reverendo Padre Frey Antonio da Graça, Comissario, e Visitador da Venerável Ordem Terceira, nas Exequias, que a mesma Venerável Ordem em demonstração do seu agradecimento fez ao Muito Alto, e Fidelíssimo Rey o Senhor Dom João V. de sempre saudosa memória. E tendo esta fúmberal acção huma lembrança do muito, que devia os Irmãos Terceiros ao seu Monarca, querem agora com muita razão deixá-la permanente por meio da estampa aos vindouros, que lerem este tão bem ajustado, discreto, piedoso, e erudito Sermao. Todas estas circunstâncias nêle se acha, além das Escrituras mais genuínas, das ponderações mais bem advertidas, e das ra-
zões para o sentimento mais forçosas. Não falta o Prégador no magnifico apparato, na grandeza, e na pompa, com que aquella funebre ação fez patente aos olhos de todos; mas he, porque ninguem haverá, que a não suponha em tudo grande, huma vez que era em obsequio de hum tão grande Monarca, e ordenada por hum Ministro, e huma Melia, que nas occasiões de agradecida, e pertencentes ao Divino Culto, não sabe coartar a sua grandeza, nem perdoar as maiores despezas. Não ha neste Sermao coufa, que se opponha aos Reaes Decretos, nem ao bem da Republica; razão, porque o julgo merecedor da licença, que se pede para ser impresso. He o meu parecer, Vossa Magestade ordenará o que for servido. Lisboa, Congregação do Oratorio, 18 de Setembro de 1750.

Pedro Correa.

Que
Que possa imprimir-se, vistas as licenças do Santo Ofício, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mesa para se conferir, taxar, e dar licença, para que possa correr, sem a qual não correrá. Lisboa, 19 de Setembro de 1750.

Marquez P. Ataide. Almeida.

Castro. Doutor Quintella.
Cécidit corona capitis nostri: Vae nobis.

Thren. cap. 5, v. 16.

CABOU finalmente aquelle Monarca, que pelas suas gloriosas acções se fez digno da immortalidade. (Muito Alto, e Poderoso Rey, e Senhor nosso; que suposto desanimado nesse Sepulcro, ainda senhor reando os coraçöens dos Vasallois; suposto tyrannamente roubado aos nossos olhos, afectuosamente vivo nos nossos coraçöens; suposto defunto nesse monumento, juntamente renascido na nossa lembrança; nella perseverará sempre vivas para a magoia, e para o respeito, as heroicas virtudes, e relevantes prendas de V. Magestade; para que assim conhecão os seculos, admirem os tempos, e veja o mundo, que a mesma Magestade, que nesse tumulo nos tem tão barbaramente escondida a cruel Parca, he nesse mesmo tumulo pela nossa magoia eternamente sentida, e pelo nosso respeito eternamente venerada.)

Acabou finalmente aquelle Monarca, que pelas suas gloriosas acções se fez digno da immortalidade. Rendeo-se ao poderoso braço da morte pagando-lhe, depois de hum tão porfiado combate, o inevitável tributo de nascido,
Oração

do, aquelle incomparável Herói, a quem respeiitando, e temendo a mesma morte, tantas vezes a vimos retirada do campo desconfiada da vitória: Absorpta est mors in victoria. Mas se bem enxugando então as lagrimas, que nos movivam os sufrimentos em tão fortes, e repetidos afaltos, lhe podíamos vangloriosos perguntar: aonde estava os seus triunfos: Ubi est mors victoria tua? Agora, que lastimosamente a vemos vencedora, e triunfante, e cabida já por terra aquella Coroa, como despojo da sua crueldade: Cécidit corona capitis nostri; que outra cousa nos resta, mais que abrir as portas às lagrimas, e desafogando nas suas correntes a dor, com que se acha tão opressivos os corações, romper naquelle mesmo ay, em que na morte de outro Rey rompeu o magoado Jeremias: Vae nobis; ay de nós, que perdemos, o que nunca sabemos, nem poderemos bem sentir! Que perdemos ao sempre Grande, sempre Maravilha, e sempre Deejado D. João V. nosso Senhor, cujo Augusto nome gravado no templo da Memoria, será o objeto de huma contínua admiração, e o motivo de huma perpetua laude.

Vejo porém, que sendo hum só o ay, e hum só o que o profere: Vae; os magoados, e sentidos erão muitos: Nobis. E quem seria estes muitos, a quem, na consideração de Jeremias, alcançava, e seria os motivos daquel-
le aí: Vae nobis? Digo, que os muitos erã todos; porque a todos devia chegar, e ferir a todos a perda de hum tal Rey, como Josías; a todos digo, devia ferir, e magoar o ver cahi da por terra huma Coroa, e sepultado nel-la hum Rey, donde lhes procederaõ tantas felicidades, e tantas ditas, quantas experi men-taraõ em todo o tempo do seu feliz reynado: Cécidit corona capitis nostrí: Vae nobis. Em Josías, e em ElRey nosso Senhor foraõ as acçoens tan to as mesmas, que os empenhos de hum foraõ os do outro. Era Josías hum Principe dotado de taes qualidades, que todas as virtudes se empenharaõ em o constituir perfeito; porém as em que mais se esmerou o seu virtuoso ani mo, foraõ, como o diz o Ecclesiastico, as da Religiao, e Piedade: Tuliit abominationes impie tatis, & in diebus peccatorum corroboravit pietatem; chegando nestas duas a hum grào tão eminen te, que nem antes, nem depois ocupou o Throno de Judá Rey semelhante a elle: Similis illi non fuit ante eum Rex, neque post eum surrexit similis illi.

Com o esmalte tambem de todas as virtudes foy adornado ElRey nosso Senhor; e que nas mesmas duas, nas da Piedade digo, e culto Divino não tivesse ate agora o Throno de Portugal algum, que lograsse com elle semelhança: Similis illi non fuit ante eum Rex, isto com a experiencia o deixou bem mostrado o
tempo; e se o virá a ter depois, o mostrará
também o mesmo tempo, como já vay mostrando
em seu Augusto Filho, e glorioso Suc-
cessor, em quem admirando já a semelhança,
com os socorros da Divina Graça, chegare-
mos também a ver o excesso: logo se a perda
he a mesma; se na morte digo, e falta do no-
so Rey perdemos o mesmo, que aquelles per-
deraô na do seu Josías, que outra cousa deve-
mos fazer, senão tirar, e passar da boca de
Jeremias para as nossas aquelle mesmo ay, com
que elle na Corte de Jerufalem lamentou aquell-
la perda, e devemos nós na de Lisboa sentir a
nossa? Assim o fazemos já, e o farey eu pri-
meito, como Jeremias, em nome de todos:
*Vae nobis*, ay de nós! Dizemos todos magoados,
e sentidos, e o diremos sempre; porque sem-
pre para o sentimento, e para a magoa se con-
servará viva nos nossos coraçãoens a dôr de hu-
ma tal perda. Ay de nós, que na falta de no-
so Rey perdemos tudo! Perdemos o Exemplar
de todas as virtudes: Moraes, Políticas, e
Christãas. Perdemos o Seguro do nosso descans-
so, a Consolação de todos os aflictos, e o Re-
medio de todos os necessitados. Perdemos o
mayor Defensor da Igreja, e das suas immu-
nidades, e o mais Obediente ás suas determi-
naçoens. Perdemos o Escudo mais forte da Fé,
e a Columna mais firme da Religiao. Em sim
perdemos o Rey mais benigno, e piedoso, e
o mais
Funebre.

o mais empenhado, e zeloso do culto Divino; e à vista de tal perda, mais que razaô temos, para perpetuar os sentimentos, e eternizar os ays: Vae nobis.

A esta tão grande, como geral perda, acompanhará̃o sempre as nossas lagrimas como testemunhas da nossa dôr, e tributo da nossa saudade. Mas porque no breve espaço de huma hora não pôde caber a larga narracão, e ponderação de tantas virtudes, quantas, sendo em outro tempo a origem das nossas ditas, e contentamentos, são agora o motivo dos nossos ays: Vae nobis; as duas, em que mais se esmerou, e em que, como Josâas, não teve até agora semelhante: Similis illi non fuit ante eum Rex, que foraõ sem duvida, as da sua grande Piedade, e zelo do culto Divino, faraõ todo o argumento da Oraçao Funebre, que esta Veneravel Ordem Terceira, juntamente com este tão triste, como melancolico apparato, consagra hoje em final do seu amor á sentidíssima memoria de hum tal Filho, que com a sua ausencia para sempre a deixou, mais que a todos, magoada; e por mais ferida da dôr rompendo, mais que todos sentida, naquelle ay: Cecidit corona capitis nostri: Vae nobis. Comecemos.
Oração

PRIMEIRO PONTO.

Que universal he a ley, e estatuto da morte! Que implacável a ira, e furor, com que esta mayor inimiga de todos os viventes a todos busca, a todos acomete, e de todos triunfa? Nem as soberanias lhe despontaão as setas; nem as valentias lhe dobraão o arco; nem as Magestades lhe quebraão a força; nem finalmente as Eminencias lhe cortaão as azas; e assim armada, e voando arrebatedamente contra todos, em todos lastimosamente emprega os tiros, e descarrega os golpes. Em fim, tudo a morte avassalla, tudo arruina, e tudo acaba; porque sem encontrar resistências, que lhe dificultem os triunfos, desfaz os Thronos, despedaça os Sólios, rasga as Purpuras, quebra os Sceptros, e poema por terra as Coroas: Cécidit corona. Ah cruel Parca, e como he violento o teu dominio, e dilatado o teu imperio! Bem o temos assim sentido a custa de tão lastimosas experiências, pois barbaramente invejosa das nossas felicidades, das nossas ditas, e dos nossos gostos, se não passa dia, hora, nem instante, que os não estejas mudando em pezares, trocando em lutos, e convertendo em lagrimas; porém sendo, como es, em tudo tyranna, e cruel em tudo, nunca o foste tanto como neste golpe, para
para o qual reconhecendo te não bastava a tua curva foice, te valeste das azas: Ecce falk vo-lans, reconhecendo digo, que com a foice não podias chegar, senão ao que lhe ficava debaixo do ferro, mas não ao que lhe estava superior, te valeste das azas, com que voando ao mais alto do Throno, lá fostes atrevidamente ferir aquella Real vida, que revestida, e armada com tantas virtudes, reputavamos livre, e segura da tua cruelidade. Hum só foy o golpe; mas tão geral o estrago, que cortando huma só vida, feriste tantas, quantas magoadas da dôr, rompem sentidas naquelle ay: Vô nobis. Oh se eu, á vista do que perdemos naquelle vida, pudera, e soubera dignamente propor, e ponderar os motivos, e razões, que nos assistem para a magoa, e para o pranto, como seria aqui agora tudo ays, tudo suspiros, e tudo lagrimas! Porém suspensendo-as por hum pouco, demos já lugar ao discurso, não para mitigar, e diminuir nos nossos coraçoens a dôr, mas para lhes avivar, e acrescentar nas ponderaçoens o sentimento.

Foy ElRey nosso Senhor, cuja memoria será inseparável sempre da nossa saudade, dotado de todas aquellas prendas, e ornado de todas aquellas virtudes, que inteiramente constituem, e fazem hum Principe perfeito; porém as em que mais se empenhou, e esmerou o seu em tudo Real animo, fora, como já disse,
Oração

disse, as da Religiao, e Piedade, em que no Throno de Portugal não teve até agora semelhante, bem como Josías o não teve também no de Judá: *Similis illi non fuit ante eum Rex. Tulit abominationes impietatis, & in diebus peccatorum corroboravit pietatem.* Ora principiemos por esta segunda a expor, o quanto perdemos na sua falta, para assim conhecermos melhor as razões, que temos para os sentimentos, e para os ays: *Ve nobis.*

Verdadeiramente Senhores, que havendo eu agora de discorrer por aquella grande piedade, de que foy dotado ElRey nosso Senhor, e de que esteve sempre acompanhado o seu Real coração; havendo, digo, de discorrer por aquella paciência, e sofrimento, com que dava audiência a todos os seus Vassallos; por aquella assabilidade, e ternura, com que os ouvia, e attendia; e por aquella benignidade, e compaixão, com que os favorecia, e consolava, a mesma razão admirada rompe neste glorioso elogio. Foy ElRey D. Joaõ V. nosso Senhor, hum Rey, a quem a Magestade da Purpura, e soberania do Throno não puderao tirar da esfera de homem! Parece, que diz pouco; mas expom tudo, quanto se póde dizer, e imaginar de grandeza, applauso, e louvor de hum Monarca insign. O ser benigno, affável, terno, e compassivo são efeitos de hum animo verdadeiramente piedoso, e virtudes annexas
ao ser de humano, ou propriedades, em que os homens se differenciam das outras criaturas; e se se conserva na esfera do seu ser, o que em todas as fortunas mostra estas propriedades, pelo contrário, passa do ser de humano a outro ser, o que as perde com as mudanças da fortuna.

Duas fora as que teve EIRey nosso Senhor. Nasceo Principe, e passou a ser Rey. Sendo Principe, era benigno, affável, terno, e compassivo; e o mesmo foy sendo Rey. Mudou de fortuna, mas nunca mudou de animo, fenhõ para executar a vontade, que tinha de fazer bem. Assim o dizia Plinio com mais lisonja, e menos verdade, do Emperador Vespasiano: Nee quicquam in te mutavit fortuna amplitudo, nisi ut prodesse posses, ut velles. Subio ao mais alto degráo da Magestade; mas nunca deixou, antes conservou sempre o ser de humano. Este he sem duvida o clarim mais sonoro da sua fama, o braço mais ilustre do seu nome, e o timbre mais glorioso da sua grandeza, por ser huma singularidade, que admira. Chegar a ser Monarca, sem perder as propriedades de homem! Subir Soberano, e ficar compassivo! Elevar-se Poderoso, e conservar-se affável! Exaltar-se Augusto, e mostrar-se benigno! Mais brevemente o declaro: ser Rey, e ser homem, grande asombro!

A razaõ, em que elle se funda, he tão no-

Plin. i n Paneg. ad vesp.
toria, como o faõ os efeitoos da Mageſtade; e se os querëis perceber com clareza, hide diſpando as attençoeens com aquella celebre para-bola, que Joathã,o referio aos Sichimitas. Ajun-taraõ-se as arvores para elegereem Rey, que a governasse, e pedindo á Oliveira, que aceitasse o Sceptro, respondeo ella: *Numquid possum deserere pinguedinem meam?* Por ventura perſua-dis-vos, que possõ eu deixar a minha fertili-dade? Com este defengano buscaraõ logo a Figueira, a qual da mesma sorte lhes respondeo: que naõ queria perder a doçura, e suavidade dos seus fructos: *Numquid possum deserere dulcedinem meam, fructusque suavissimos?* Ultimamente buscaraõ a Vide, a qual lhes respondeo tambem pelos propiros termos: *Numquid possum deserere vinum meum?* De sorte, que todas estas arvores se escuzaraõ com o receyo, e temor de perderem os seus fructos, ou as suas virtudes naturaes. Mas se as eleitoras, e empenhadas em dar-lhes o Sceptro, lho ofereciaõ sem ou-tra alguma condiçao, mais que a de serem Reys, que motivo teriaõ para temerem, e recearem aquella perda: *Numquid possum deserere pinguedinem meam? Dulcedinem meam? Vinum meum?* A razão, a meu ver, está tão manifesta, que já esta dada nas suas mesIASmas respostas, e foy, jul-garem todas ellas, que o mesmo seria passarem de arvores a Reys, que perderem as suas naturaes virtudes, e deixarem o ser, que tinhaõ, por outro ser.
Funebre.

Este receyó, e temor das arvores me trouxe agora á lembrança aquelle grande cuidado, com que Filippe Rey de Macedonía prevenia a seus servos, que todos os dias lhe advertissem, que era homem. O mesmo fazia o Filosofo Simonides a Pausanias Rey dos Lacedemonios; e Plutarco por escrito ao Emperador Trajano, e de semelhantes diligencias, confrontadas com as repostas das arvores, instroeu, que a Magestade Real de tal sorte transforma os animos, que á maior parte, dos que com ella se achão revestidos, faz não só parecer, mas entender, que são Divindades. Oh quantos, e quantos terão feito, e estaraão fazendo esta figura monstruosa no theatro do mundo! Mas olhando agora só para o passado, dizem-me: que outra cousa foi o passar Alexandre Magno hum Decreto, para que o contasssem no numero dos Deos, senão hum total esquecimento do proprio ser, e entender que era Divino? Que outra cousa foi, senão isto mesmo, o fabricar Nabucodonosor huma estatua de ouro, e mandar com pena de morte, que todos nella o adorassem? E que outra foi também, senão o mesmo, o recomendar o outro Nabuco a Holofernes, que exterminasse todos os idolos, para que só a elle reconhecessem os homens por Deos: Videlecet, ut ipse solus dicetur Deus? Entre os Persas, Assirios, e Medos não duvidaraão os Vasallos de adorar como b ii
a Divinos aos seus Reys; porque elles por Deos 	fes se tinhao, e se julgavao. Entre os Roma 
nos ( de quem se nao devia esperar esta igno-
rance ) se vio, e notou o mesmo na pessoa de 
Augusto Cesar, com tanto esquecimento, e 
vaideade propria, que sendo conhecida de Vir-
gilio, chegou este a dizer para o agradar: Erit 
mihi semper Deus, que o teria sempre por seu 
Deos.

Os Reys da Media com semelhante presump-
caao nao appareciao ao seu povo, tenao para 
dar morte, aos que os vizlem; porque todos, 
os que os viao, tinhao pena de morte. Os da 
Persia, pelo mesmo estilo, fallavao por det-
raz de huma cortina; e se chegavao a conce-
der a sua presenca a alguma pessoa principal, 
era com tanta, e tão extremosa severidade, que 
totalmente se perturbava o mesmo, que a per-
tendia, como succedeo á Rainha Esther, que 
com a vista de Assuero cahio desmayada. E 
com tais pensamentos, e presumpcoens de Di-
vinos, como trataria qualquer destes Reys aos 
seus Vasallos? Ou como poderiaestes achar 
nelles propriedades de humanos, sendo tão ele-
vadissimamente soberbos? Como poderia achar 
benignidade, ternura, e compaixao, em quem 
tanto se esquecia do proprio ser, da propria 
natureza, e da propria humanidade?

Dizendo S. Paulo, que apareceria no mun-
dar a humanidade de Deos, adverte, que jun-
tamen-
tamente se vira a sua benignidade: Apparuit benignitas, & humanitas Salvatoris nostri Dei. Vi-rao-o benigno, tanto que o viraO humano: Benignitas, & humanitas. Antes que Deos vestisse a natureza de homem, tinha pena de morte aquelle, que vissle a Deos: Non videbit me homo, & vivet. Antes que se humanaisse, fallava por detraz da cortina do Sancta Sanctorum. Antes que se humanaisse, dava as costas aos mesmos amigos, que pertendiaO a sua face: Videbat posteriora mea: faciem autem meam videre non potestis. Antes que se humanaisse, mostrava grande severidade, fazendo tremer, e ainda cahir por terra aos mesmos, que o amavaO, e viaO, como de si conta Daniel: Non remanuit in me fortitudo: jacebam consternatus super faciem meam: Steti tremens. Mas tanto que apareceo humano, juntamente se ostentou benigno: Benignitas, & humanitas. Tanto que se humanou, logo de todos foy visto: Vidimus gloriam ejus. Tanto que se humanou, logo se compadeceo: Misericor super turbam. Tanto que se humanou, logo se facilitou, humilhou, e enterneceu, tratando aos mesmos Vassallos, nao como servos, mas como amigos: Vos amici mei estis: Jam non dicam vos servos; e se desta sorte se mostrou Deus benigno; porque se fez humano; que benignidade, ternura, e compaixaO pode-ramO mostrar aos seus Vassallos aquelles Reys, que esquecidos do ser humano, se presumem Divinos?
Oração

Tão longe estiverão sempre daquella Magestade, que choramos defunta, os fumos de tais presumpções, e tão longe de se cegar com elhes, que antes trazendo continuamente dian-te dos olhos da consideração a lembrança, de que era homem, e por consequência, a de que era mortal, e caduco, como todos os mais, com todos se humanava, e tratava com todos; mostrando por isso mesmo nas maiores adora-çoens a mayor affabilidade, e entre os mayo- res applausos a benignidade maior. Nesta con-sideração me lembra, que quando Saô Joãó no seu Apocalipse quis render adoraçoens a hum, que na Magestade lhe parecia Divino, lhe sus-pendea este espirito a resolução, dizendo-lhe: Vide, ne feceris: conservus tuus sum, & fratrum tuorum habentium testimonium Jesu. Deum adora. Naõ me adores, adora a Deos, que supposto me contemplemes tão soberano, naõ sou Divino; porque sou hum servo como tu es, e sou Ir-mão teu, e de todos os que professais a Ley de Christo. Parece-me que estou vendo neste Anjo o exemplar, e espelho, por onde o nosso Monarca dirigia, e compunha as suas acções. Chegava o Vassallo, e principalmente o Sacer-dote, ou o Religioso a sua presença, e ao tem-po, que hia pondo o joelho em terra, o mes-mo braço Real acceleradamente o suspendia, e levantava, dizendo-lhe com as vozes da pro-pria acção: Vide, ne feceris: conservus tuus sum,
& fratrum tuorum habentium testimonium Jesu. Deum adora. Adora a Deos, e naob a mim, que sou homem como tu es; naob a mim, que sou servo de Jesus, como os mais Christãos; naob a mim, que sou Irmao teu, e tenho a tua mesma natureza, fragil, caduca, e mortal: Vide, ne feceris.

Deita grande affabilidad, e ternura, com que a todos recebia, e tratava, nascida do proprio conhecimento, resultava aos Vasallos aquella facilidade, e confiança, com que entravao á sua presença; que ainda sendo, como era, todo magestosa, a todos, pelo que tinha de agradavel, atrahia, e infundia animo para chegarem a ella; a grandes, e a pequenos, a ricos, e a pobres, a escravos, e a livres, a naturaes, e a estrangeiros. Mas porque aos pequenos, e desvalidos nunca falta, quem lhes dificulte as entradas, que aos grandes, e poderosos se facilitaod, prevenia, e recomendava aos seus assistentes, que a nenhum se prohibissem, nem se lhes fechassem as portas; que rendo, que para todos estivessem patentes as da sua Casa, assim como as da sua Piedade estavao sempre abertas para todos, com os quaes, ao chegarem a ellas, se mostrava todo Benigno, todo Affavel, todo Brando, e Compassivo todo; prendas estas, e circunstancias as mais appetecidas, e estimaveis em hum Princepe, como testificaod os Panegyristas dos Emperados.
res, Adriano, Sevério, e Trajano, que ao lou-
vallas nestes Monarcas, fazem delas particular
estimação; porém não as praticava o nosso, se-
guindo os passos destes Emperadores Gentios;
mas tendo só por ideia, e exemplar a doutrina
do Summo Rey, e Mestre dos Reys Cristãos,
Simte parvulos venire ad me, & ne prohibi-
bueritis eos. Day lugar, dizia Chrísio Senhor
noso aos seus Discípulos, que erao os seus as-
sistentes; day lugar, a que os pequenos che-
guem á minha presença, e não lhes proibisais
a entrada; e para que a pudessem ter todos,
e chegar todos a elle, elle mesmo os convida-
va, e chamava: Venite ad me omnes; vinde, e
chegay todos a mim. E quem seria estes, a
quem o Senhor chamava, e convidava: Veni-
te ad me? O mesmo Texto o declara: Omnes,
qui laboratis, & onerati estis; erao todos os que
tinhao trabalhos, e viviao com opressões;
erão digo, os pequenos, e desvalidos, que or-
dinariamente, estes são os oprimidos, e os
que padecem os trabalhos. E para que os cha-
maria? Mas para que os havia de chamar? Se-
nao para lhes dar alívio, consolação, e descan-
ço: Et ego resciam vos. Isto fazia, e praticava
o Rey dos Reys Chrísio Jesus; e isto mesmo
punha por obra, e desempenhava o nosso Rey,
como tão Cristão, e Imitador da sua doutri-
na. Vinhao, e chegavao todos a elle, todos
os que viviao oprimidos, e padeciao tra-ba-
lhos,
Funebre.

Ihos, e logo que chegavaô, tinhaô descanso, e alívio; logo que chegavaô, tinhaô consolação, e remédio; porque logo se achavaô livres das vexações, e violências, que lhes faziaô os poderosos; logo se lhes abreviavaô, e tinhaô termo os pleitos, que lhes eternizavaô os Ministros; logo finalmente se viaô sem trabalhos, sem molestias, sem oppressões; e enxugando as lagrimas, voltavaô gostosos, e alegres: Venite ad me, & ego reficiam vos.

Porém a muito mais chegaraô ainda os lances da sua Piedade; porque não só a estes recebia, e consolava benigno; mas com a mesma benignidade recebia tambêm, e tratava aquelles mesmos, que em lugar de o acharem benevolô, o deviaô experimentar rigoroso. Sabia ElRey nosso Senhor, e tinha notícia certa da liberdade, com que alguns, sem respeito, nem reverencia ao sagrado da Magestade, tinhaô fallado da sua Peßloa; e succedendo, como succedem muitas vezes, que algum destes no dia seguinte lhe fosse a fallar em audiência, o mesmo Senhor o recebia com especial agrado, e ouvia com particular atenção, deferindo logo ao seu requerimento, se a matéria dêle era de graça; e se era de justiça, facili- tando-lhe para o despacho todos os meios. E que outra cousa era isto naquelle Real ânimo, em tudo verdadeiramente piedoso, senão fazer das mesmas razões do agravo matéria para
para os benefícios? Que outra causa era, senão vencer, a impulsos da mesma Piedade, as vehementes paixões da natureza, e mostrar-se Senhor, e dominador do próprio poder, para deste modo governar, como Deus quer que os Reys governem, e governa também o mesmo Deus?

Tu autem Dominator virtutis cum tranquillitate judicas, et cum magna reverentia disponis nos. Vós, dizia Salamaó fallando com o Supremo Exemplar de todos os Reys, vós Dominador do próprio poder julgais com tranquilidade, e nos dispondes com grande reverencia. Tantas são as clausulas, como as excellencias do governo de Deus. Chama-lhe Dominador do próprio poder: Dominator virtutis; e esta he a mais singular prerogativa de hum Rey, e que o constitue sublime sobre todo o louvor, mostrar, que se vence a si mesmo, que he Dominador, e Senhor do seu poder, da sua ira, das suas paixões, e de todos os impulsos da propria vontade. Diz-lhe, que julga com tranquilidade: Cum tranquillitate judicas; e este he o segundo elogio, julgar com serenidade, não usando logo de todo o rigor da justiça; mas temperando a mesma justiça com as doçuras, e branduras da Piedade: Non pro rigore justitiae; sed justitiam clementiam temperas. Escreveo aqui o Alapide. Diz-lhe finalmente, que nos disponem com grande reverencia: Et cum magna reverentia.
tia disponis nos; e este he o ultimo elogio, dispor com grande reverencia, isto he, com grande moderação: Cump magna reverentia, id est, cum magna moderatione; acompanhando-se o governo da Piedade para o perdaô da culpa, e da pena: Parcendi studio gubernas nos parcens culpa, & pena.

Este he o governo de Deos; e este foy o do nosso Rey. Podia usar do seu Real poder, como, e da sorte que quizesse, e naô usava; porque estava muito Senhor delle: Dominator virtutis. Podia castigar, a quem o merecia, e ainda a quem o naô merecesse, e naô só naô castigava; mas perdoando a muitos culpa, e pena: Parcens culpa, & pena, lhes fazia sobre isto benefícios. A tal extremo de Piedade, e compaixão chegou o nosso Monarca; mas nisto mesmo se constituiu mais glorioso, e daqui mesmo lhe resultaraô os mayores elogios; porque os Reys, supposto consigãol grandes applausos pelo que obraô, os adquirem muito mayores, pelo que deixaô de obrar. Sim he verdade, que cada hum dos homens grangea toda a sua estimaçào, pelo que faz, e naô pelo que naô faz; porém os Monarcas, que saô de outra esfera superior, pelo senhorío, e poder, tem huma singularidade, que naô lograô os outros homens, e vem a ser, que se merecem grandes louvores pelo que fazem, saô incomparavelmente mayores, os que lhes saô devidos pelo
Oração

pelo que deixáod de fazer. Ouçamos ao Espírito Santo, louvando a hum homem admirável.

Quis est hic, & laudabimus eum? Fecit enim mirabilia in vita sua. Quem he este, e o louvaremos, porque fez cousas maravilhosas na sua vida? E quem seria este homem: Quis est hic?

Mas quem havia de ser? Era hum Rey; porque era hum homem, que todas aquellas maravilhas obrou no seu povo: Fecit mirabilia in vita sua. In populo suo, é o Texto Grego. Era hum Rey, que podendo livremente, e sem que alguém lhe fosse á mao; nem pedisse conta, atropellar as leys, as nao atropellou. Era hum Rey, que podendo fazer tantos males, quantos quisesse, e lhe pedisse a propria vontade, nenhum mal fez: Qui potuit transgressus; facere mala, & non fecit. De sorte, que lhe nao dá o Espírito Santo aquellas louvores: Fecit mirabilia, pelo que fez; mas pelo que nao fez: Et non fecit. O que fez, foi bom; e o que nao fez, era mao; e em nao fazer males podendo fazellos, se constituiu mais glorioso, que nos bens que fez. Assim o nosso Monarca; se pelos muitos bens, que fez, e nos fez em todo o tempo do seu governo, e feliz reynado; se constituiuo bom Rey, pelos males, que deixou de fazer, ficou sendo, e sera sempre mais glorioso, e mais admiravel: Fecit enim mirabilia in populo suo.
Oh se eu agora, para dar mais luftres a esta verdade, e mais alma a esta consideração, me recordara daquellas crueldades, e tyrannias, que praticara muitos Monarcas, como realçaria á vista dellas a inimitavel piedade do nosso, e nos deixariamos penetrar mais altamente do sentimento, para assim chorarmos com lagrimas eternas a sua falta! Se eu agora me recordara de hum Rey Dionysio o tyranno mandando matar á Marfias, por sonhar hura noite que Marfias o offendia! De hum Tamburlano Rey dos Scythas, fazendo abrir a hum Vaflallo pelo peito, para lhe tirar do estomago hum pouco de leite, que fur tara! De hum Julio Cesar ordenando, que as suas palavras fossem leys, e se observassem com pena de morte! E de hum Diomédies tão deshumano, que aos seus Vaflallos mandava tirar a vida, para regalar com o sangue delles os seus cavallos! Notaveis crueldades, e tyrannias! Dionysio matando por huma afronta sonhada! Tamburlano abrindo o peito de hum Vaflallo por cousa de tão pouco valor! Cesar executando a pena de morte pela transgressão de huma palavra, que por ventura seria opposta á razaó, e contraria á justiça! Diomedes derramando o sangue humano para regalo dos brutos! Sim; porque tinhao todos estes monstros da crueldade, paixões de homens, e poderes de Reys.

Dizey-
Oração

Dize-me agora, fez por ventura alguma destas cousas o nosso Monarca? Não por certo; fez sim o contrario. Tão longe esteve de imitar a Dionísio matando, a quem só o ofendia por sonhos, que antes perdoou numerosos crimes diretamente opostos á Soberania da Magestade. Tão longe de seguir o exemplo de Tamburlano, abrindo por cousa tão limitada o peito a hum homem, que antes difficultou grandes roubos da própria fazenda, querendo antes perdella, que fazer publica, e manifesta a affronta dos complices. Tão longe de praticar as soberbas resoluções de Julio Cesar, castigando com pena de morte a transgressão de qualquer palavra, que antes se os seus Decretos continha algum inconveniente, os suspendia logo, e revogava. Em sim, tão longe de aprovar a inaudita barbaridade de Diomédes, derramando o sangue dos seus Vassallos para sustento dos brutos, que antes empenhado sempre na conservação do seu Reyno, e dos seus Vassallos, cuidou, e excogitou todos os meios de lhes naô tirar o sangue, e de lhes sustentar as vidas.

De dous modos considero eu, que pôdem os Reys tirar o sangue: o primeiro, sendo impios, e cruéis nas execuções; o segundo, sendo demasiados, e excessivos nos tributos; porque de huma, e outra fôrte sustentaô, e conservaô o seu estado, e grandeza com a vida,
e sangue dos seus Vassalhos. Ora consideray bem, e dizey-me, se por algum destes modos vos tirou ElRey nosso Senhor o sangue? Se voltou tirou por execuções de tyrannias, se por demais de tributos? Certo he, que nem por hum, nem por outro modo o tirou. Naõ por meyo de tyrannias; porque nenhum, ainda que mais culpado fosse, lhe chegou a morrer nas mãos. Naõ por meyo de tributos; porque a fim de vos naõ tirar a fazenda, era elle o mesmo, que derramava o sangue na liberalidade, com que dispendia os proprios thesouros: logo o que só nelle experimentastes, foy fazer-vos muitos bens, podendo fazer-vos muitos males; mas por isto mesmo nos males, que naõ fez, podendo fazelos: Potuit facere mala, & non fecit, se sublimou mais glorioso, e ficou sendo mais admiravel: Fecit mirabilia in populo suo.

E que se segue daqui? Para o conhecermos melhor, ouçamos a hum Rey fallando com outro. Tendo Saul buscado a David para o matar, lhe disse este mostrando-lhe de longe hum retalho da sua Purpura: Vide, & cognosce oram chlamydis tuae in manu mea: quoniam cum praecinde rerem summitatatem chlamydis tuae, nolui extendere maximum meam in te. Olha Saul, repara, e vê na minha mão hum pedaço do teu vestido; e adverte, que podendo eu, muito a meu salvo, dar-te a morte, quando o cortey na gruta, aonde
Oraçã"o

onde entriste, te não quis fazer esse mal: Nolui extendere manum meam in te. E como ficaria Saul, vendo, e ouvindo a David? Attendey bem ao que lhe disse: Numquid vox tua est, fili mi David? Et levavit Saul vocem suam, & flevit. Inflamado já no amor de David, levantou a voz, e chorou: Levavit vocem suam, & flevit. Admirável transformação! Mas que he isto Saul? Que mudança foy esta tão repentina? Ainda agora hum odio tão vehemente, e já hum amor tão cordeal? A é aqui incendios coléricos, e já lagrimas compassivas? Que he isto Saul? Este David, de quem te compadeces amoroso: Fili mi; este David, por quem choras magoado: Fleuit; naô he o mesmo, a quem buscavas até agora enfurecido? Quem o pode duvidar; pois como se converteu tão depressa os odios em afectos de amor, as iras em lagrimas de ternuras? Bem evidente está o motivo. Se eu vejo, diria Saul, que foy David tão benigno, e misericordioso, que me naô fez mal algum, podendo fazer-me todo, quanto mal quizesse; se eu experimento, que foy tão piedoso, e compassivo, que me naô matou, podendo matar-me; se eu finalmente advirto, que tendo David vontade, e paixões, como os outros homens, as dominou de tal fôrte, que podendo vingar-se de mim, se naô quis vingar: Nolui extendere manum meam in te, como naô hey de amar a David: Fili mi.
David? Como não hei de chorar, e sentir os seus incomodos, e trabalhos: Levavit vocem suam, & levit?

Chora Saul por David, vendo, e considerando a David vivo, e que fizera por elle, se juntamente o contemplara sepultado? Que demonstraçoens de sentimento seria aos suos, vendo defunto aquelle mesmo, que o deixara vivo, podendo por satisfaçao da sua ira, deixal morto? Oh Portugal, a ti, e ao teu conhecimento se encaminhaço estas minhas consideraçoens! Se um inimigo chora por hum Rey, que ainda o não era no exercicio, só pelo respeito, de que podendo fazer-lhe mal, o não fizera, que demonstraçoens se devem esperar dos fidelíssimos animos Portuguezes, vendo defunto ao seu Rey, e tal Rey, que não só os governou com tantas felicidades; mas que podendo atropellar as leys, as não atropellou: Qui potuit transgressi, & non est transgressus; e que podendo fazer-lhes muitos males, nenhum mal lhes fez: Facere mala, & non fecit? Certo he, que outras incomparavelmente maiores, que as de Saul para com David, devem ser as nossas; e por isso, supposto esteja sendo todo este respeitoso silencio, e toda esta profunda tristeza hum eloquente interprete da nossa magoa, e hum fiel demonstrador da nossa pena, não se desempenhaço cabalmente só com isto as razoens, que nos acompanhaço para o sentimen-
Oração

to; muito mais ainda he necessário; por que na consideração de huma tal perda se faz preciso, que o nosso sentimento seja eterno, a nossa magoa sem limite, os nossos gemidos sem número, os nossos suspiros sem conta, a nossa dôr sem medida, as nossas lágrimas sem termo, e os nossos ays sem fim. Só deste modo correspondemos bem á falta de hum Monarca, que pelo espaço de quarenta, e tres annos, sete mezes, e vinte e dous dias nos dirigio, e governou com tanta piedade, e se ausentou para sempre da nossa vista: Césidit corona capitis nostri: Vae nobis.

Porém o em que mais realçou, e se deu melhor a conhecer a sua grande Piedade, foi no zelo do culto Divino: e temos chegado ao Segundo Ponto, aonde, pela materia, devia ser o discurso mais dilatado; porém como adverto, o quanto terey já cansada a vossa paciencia, por naó desmerecer a vossa atenção, abbreviarei de tal fórte, o que resta por dizer, que nem falte, ao que prometti mostrar; nem tam-bem á brevidade, que prometto. Attendey.

SEGUNDO PONTO.

Foi ElRey nosso Senhor tão zeloso do culto Divino, e empenhou com tal ancia todos os esforços da sua Real Piedade na observância desta virtude, que por meyo della veyo a con-
a conseguir no Throno de Portugal aquella mesma gloria, que Josías logrou no de Judá. No de Judá foi tanta, e tão estremada a gloria de Josías, que o distinguiu, e singularizou entre todos, de tal sorte, que nem antes, nem depois houve algum semelhante a elle; porque nem David coroado de tantos triunfos, nem Salamaão no auge de tantas grandezas, pode competir, ou comparar-se com Josías: Similis illi non suit ante eum Rex, neque post eum surrexit similis illi; e se procurarmos saber, qual fosse o merecimento, porque este Rey se singularizou tanto entre tantos, e se fez tão grande entre os maiores, que occupara o seu mesmo Throno, e empunhara o seu mesmo Sceptro, havemos de achar, que todo elle consistio naquelle zelo, com que a impulso da sua grande Piedade, extinguiu, e eliminou da sua Corte, e Reyno, a idolatria, que nelle se permitiu, e conservou por muitos tempos: Inuit abominationes impietatis, & in diebus peccatorum corroboration pietatem; naquella ancia digo, e ardor, com que zelando a honra, e gloria de Deos, derrubou, e aniquilou as escandalosas estatuas dos ídolos, demolio Templos, arrazou Altare, e sobre elles mandou queimar, e reduzir a cinzas os ossos dos falsos Sacerdotes, e os de todos os passados, que depois de tantos annos de sepultura, fez desenterrar, para os condenar as mesmas chammas, e reduziu
Oração

zir ás mesmas cinzas. De sorte, que naquelles tempos tão calamitosos, quando dominando a impiedade, tinha todo o imperio, e governo a idolatria, e profanação do Divino culto: *Et in diebus peccatorum, id est*, escreveu a penna de Hugo Cardeal, *id est, in tempore, quo governabat peccatorum idololatria*, & violatio cultús Dei; então empenhando Josias os maiores esforços da sua Piedade, ordenou, e constituiu, que firmemente se observasse, e desse a Deos aquelle culto, que, como a Supremo Senhor, lhe he devido: *Corroboravit pietatem, id est, cultum firmiter observandum instituit*; celebrando elle mesmo, e fazendo tambem celebrar a todo o seu povo a festa da Pascoa com tal pompa, e solemnidade, como desde o tempo dos Juizes, e de todos os Reys de Israel, e Judá, até aquelle, se não tinha celebrado; restituindo ao seu primitivo estado todos os officios, empregos, e ministerios dos Sacerdotes, e Levitas; e fazendo praticar com a mayor decencia, e perfeição todas as ceremonias, e ritos sagrados.

Este foi Josias, Prinçpe sem semelhante no zelo da Religião, e o mesmo foi tambem ElRey nosso Senhor nos empenhos da mesma virtude. Sim he verdade, que não derrubou estatuas, e anniquilou Idolos, que não demoliu Templos, e arrazou Altares destinados para a idolatria; por ser o Reyno, que Deos lhe
entregou, o mais puro na Fé, e o mais firme na Religião, não reconhecendo outra, mais que a Catholica, desde que lhe amanheceu as primeiras luzes da verdade. Mas ainda assim, como nunca faltara, nem faltou inimigos no mundo, que no meio do trigo cuidem em sobresemear cizanias de perniciosos erros; se algumas, rebuçadas com capa de zelo, e aparências de virtude, chegaram a brotar no seu tempo, antes que arreigassem, e crescessem, as fez arrancar logo de raiz. Sim he verdade, que não queimou falsos Sacerdotes; porque os não havia no seu Reyno, que a havelos, experimentaria no seu zelo o mesmo ardor de Josías, para os condenar ao fogo; mas se no seu tempo houve algum, como na verdade alguns houve, que apostatando da nossa Santa Fé, e Religião Catholica, persistira contumazes nos seus erros, não descansava o seu coração, em quanto os não via, ou verdadeiramente arrependidos, e reconciliados, ou pela sua pertinacia, ardendo nas chammas, e reduzidos a cinzas. A prova mais evidente desta verdade era aquella fervorosa ancia, com que todo o tempo da sua tão preciosa, e necessária vida assistia em público a todos os Actos da Fé, servindo a sua mesma assistência de edificação a todo o seu povo, de confusão a todos os réos, e de horror a todo o inferno. Até aqui temos o nosso Monarca igual a Josías.
Josias no zelo da Religião, sem semelhantes hum, e outro, e só a si mesmos semelhantes; mas na pompa, grandeza, aslevo, e perfeição do culto Divino, à todas as luzes excedendo-o. Bem he verdade, que Josias com a maior constância de animo, e com o mais fervoroso espírito de zelo restaurou o culto Divino, e o fez praticar em todo o seu Reyno com tal solemnidade, e decencia, como até aquelle tempo se não tinha visto; mas que tem que admirar tudo, o que Josias fez, com o que o nosso Monarca obrou? Verdadeiramente, que para Deus se ver tão gloriosamente exaltado por meyo desta virtude, comunicou a ElRey nosso Senhor aquelle mesmo zelo, que depositou no Proféta Ezechiel: *Ponam zelum meum in te; pois com pasmo, e assombro vimos, e o naô acabamos ainda de admirar, que em todo o seu Reyno, e principalmente na sua Corte, fez subir, e chegar o culto Divino a hum tal au-ge de grandeza, e a hum tal extremo de perfeição, que se nelle pudesse haver defeito por exceso, só no seu tempo se notaria; avançando-se por este modo, naô só a todos seus gloriosos predecessores; mas também a Josias, e privando-o daquella gloria, com que no Throno de Judá o elogia o Sagrado Texto de unicco, e sem semelhante: *Similis illi non fuit ante eum Rex, neque post eum surrexit similis illi. Naô me dilato em referir, e expor as ra-
Funebre.

zoens deste excesso, assim porque a todos fora, e estão sendo ainda evidentes, como por me faltar para isso o tempo; fique-o porém dizendo por mim aquella fervorosa ancia, com que inflamado ElRey nosso Senhor neste zelo do culto Divino, para todas as Igrejas dos seus Reynos, e Domínios, fazia remeter com imensas despezas dos seus thesouros as mais preciosas alfavas; tanto de ornamentos riquíssimos, como de custosíssimas peças, e vasos sagrados; a fim tudo, de que se celebrassem os Officios Divinos com a maior decencia, e perfeição, e resultasse a Deos maior gloria. Sem sahir de casa, tenho eu dentro della, para provas desta verdade, os mais gloriosos monumentos. Fallem já, e digão, qual foy o zelo de ElRey nosso Senhor nesta virtude, os Lugares Santos da Palestina, Sagrado Patrimonio, com que tanto se enriqueffe, e authoriza toda a Religiao Serafica, para onde na sua menoridade, e sendo Principe, mandou no anno de mil seiscientos noventa e cinco, quando ainda não contava mais que seis de idade, huma Estrela de ouro, feliz pronostico de quanto havia de ajudar, e favorecer aquelles Santos Lugares, que foraô o theatro da nossa Redempção; e do quanto também havia de amparar, e estimar a mesma Religiao, que os posse. Fallem, e digão, que preciosidades lhes não enviou, quando Rey, excedendo no primor, e valor
valor a todas, quantas para os mesmos Lugares fizerao tambem remeter outros Monarcas, e Princepes da Europa; tendo tudo, o que era seu, de tal custo, que só para hum ornamen-to, com que se cobre em algumas solemnidades o Santissimo Sepulchro de Christo, fez a despeza de vinte e dous mil cruzados.

Diga-o tambem, e seja eternos pregoeiros, do quanto foi ardente o seu zelo nesta virtude, tantos Conventos, quantos dentro da mesma Religiao Serafica se erigiran no seu tempo, para cujas fundaçoes concorreo, não só com o seu Real beneplacito; mas tambem com grande parte das despezas, só a fim, de que se multiplicassem as Casas de Deos, e dos seus Servos, e se lhe déssem em toda a parte os devidos cultos. Diga-o este, que depois daquelle la total ruina, em que só as cinzas, a que o reduzio o fogo, ficaráo tendo as testimunhas do seu estrago, se vê agora levantado á grandezã, que nunca teve; devendo a sua heroica caridade todo o augmento; e lhe deveria també-m a ultima perfeiçaô, se a sua vida se estende até onde chegavao os seus, e os nossos desejos, e os não atalhasse a morte; a fim tambem, de que fosse mayor o numero dos Religiosos, que o habitasssem, e se praticassem nell-e, como está praticando, com mayor decencia, e gravidade o culto Divino. Diga-o este de Mafra, que entre as sete maravilhas.
reconhece o mundo, podia, e pôde ter o lugar primeiro, no qual suposto ainda o seu Real animo não escrevesse, como Hercules nas suas columnas, o non plus ultra das suas proezas; porque muito adiante passará; com tudo, a respeito da Religiao Serafica, a quem o entregou, lhe deixou nelle a maior entre todas as suas grandezas, e para com a mesma Religiao o padrao mais firme, e perduravel do seu amor; ordenado tudo ao mesmo fim do Divino culto, e de se fazerem nelle, como na verdade fazem, os Officios Divinos com tal decencia, e perfeiçaó, que a todos pudesse servir de exemplar. Diaga-o finalmente essa Sacrosanta Basilica Patriarcal, que com pasmos, e invejas de todas as Naçœns erigio, e estabeleceu, com tal pompa, e magnificencia, que na sua Corte nos deu a ver tudo, o que se admira na de Roma; sendo o fim unico de tanta magestade, e grandeza o mesmo culto Divino, que nella se practica com tal aslevo, e primor, que excede os ultimos extremos, e esmêros da perfeiçaó. Acabe-o ultimamente de dizer essa Solemnissima Procissáo do Corpo de Deos, que dando brado em todo o mundo Christaó, fez tal abal-lo em todos, que muitos, sem attenderem a distancias, nem fazerem reparo a despezas, se resolveráo a vir examinar com os olhos, o que lhes dizia a fama aos ouvidos; reconhecendo então, o quanto tinha sido esta diminuta, quando
Oração

do attonitos com a evidencia, confessava, e publicava, que não podia ella inteiramente contar-lhes, o que nem as mesmas admirações podia dizer; mas que muito! Se sendo o Diviníssimo Sacramento, que nella era levado em triunfo, o principal objecto da devoção do nosso Monarca, elle se empenhava em lhe dar taes cultos, e gloria na terra, que só no Céo a pudesse ter mayor. Estes forão os empenhos de ElRey nosso Senhor no zelo do culto Divino, em que fez conhecido excesso a todos, os que até agora ocupara o Throno de Portugal, e o fez tambem a Josâas, que no de Juda, nem antes, nem depois teve semelhante: Similis illi non fuit ante eum Rex, neque post eum surrexit similis illi. Assim foi, e assim devia ser; porque nem ainda tudo isto bastava para satisfacção daquelle ateado incendio, que lhe ardia no coração.

Por boca de David disse Christo Senhor nosso, que o zelo da Casa de seu Eterno Pay o comia; isto he, que o comia o zelo da sua honra, e da sua gloria: Zelus domûs tuae comedit me. Na palavra comedit lhe encareceo David a grandeza; porque sendo certo, como he, que o comido se converte na substancia do que o come, afirmar que o comia o zelo: Zelus comedit me; que outra cousa foi, senão dizer-nos, que estava no mesmo zelo convertido? O que de Christo afirmou David, digo eu de ElRey

Mas como nao bastaria tudo isto para chegar a ver, e a gozar daquelle Deos, a quem dedicava os cultos, e de quem, com tantas ancias, e cuidados, solicitava a mayor gloria na terra, se juntamente, como Josias, nao governasse, e dirigisse para elle o seu coração: Tulit abominationes impietatis, & gubernavit, continuo o nosso Texto: ad Dominun cor ipsius. Et direxit, lê o Grego; agora por ultimo adimiraremos, o como ElRey nosso Senhor, ao mesmo tempo, que a Deos estava fazendo tantos, e tão gratos sacrificios, lhe fazia tambem o mais agradavel entre todos, qual he o do coração, oferecendo-lhe o seu em amoroso holocausto, quando para o mesmo Deos o governava,
vernava, e dirigia: Direxit ad Dominum cor ipsius. Cor suum. Explicou o Alapide. Passava El-Rey nosso Senhor por estes ultimos annos tão enfermo, que a sua vida mais parecia milagrofa, que natural. Sustentava ainda a sua Real Cabeça o pezo da Coroa, ajudada sem duvida das muitas Oraçôes dos Servos de Deus, que nalla tanto se enterestava, e das contínuas lagrimas dos pobres, que tanto dependia da sua conservação; e como a dignidade da Coroa anda annexas, e vinculadas as obrigacaoens do governo, repartia de tal forte o tempo, e as horas, que tiradas do mesmo tempo as necessarias, e precisas para o despacho, todas as mais dispendia, e gastava, no que dizia respeito a sua salvação.

Humas destas horas levava na Tribuna em particulares Oraçôes diante do Divinissimo Sacramento, rezadas com tal devoçao, e especificacao de palavras, que bem claramente dava a entender tinha diante dos olhos da consideracao os mesmos, com quem estava fallando, e de quem com a mais profunda subsmissao, e reverencia implorava, e solicitava toda a ajuda, e protecçao, para evitar os perigos da vida, e acautelar os da morte. Outras passava na mesma Tribuna assistindo aos Officios Divinos, e ouvindo a Divina palavra, de que fazia o mais particular gozto, e recebia a sua alma a maior consolaçao. Outras em ouvir pontos
tos de meditação, e em meditar, e contemplar sobre elas, com tal moça do seu espírito, que parece se arrebatava. Outras em ouvir ler Vidas de Santos, e outros Livros Espirituais, com tal atenção, e advertência, que se no Leitor havia algum erro, ou descuido, o advertia logo, e emendava; e como esta lição era tão frequente, que se continuava ainda no tempo, em que havia de descansar, se também nesse havia, que emendar, e advertir, o fazia logo; porque suposto dormisse, o seu coração, como o da Esposa, vigiava: Ego dormio, & cor meum vigilat. Outras finalmente em se dispor para as suas Confissões, que fazia em todas as festividades maiores da Igreja, sobre outras muitas, que também fazia em dias particulares da sua devoção; e estas, entre todas, era as horas, que lhe levavam os maiores cuidados, o que logo se dava bem a conhecer; porque na consideração de chegar a este Sacramento, e de examinar para isso a sua consciência, era já nélles muitos dias antes tal a ancia, e desassocego, que lhe não permitia repouso; pedindo a todas as pessoas Espirituais, (e também a mim, que o não era, nem sou) rogasse a Deus o ajudasse a fazer aquella Confissão, que se seguia, com menos imperfeições, e a receber com a pureza de vida o seu Corpo Sacramentado.

Este era o teor de vida, que ElRey nos-
fo Senhor praticava, a que ajuntava outras muitas devoçoens, que me não pôde já caber no tempo o referir. A sua conformidade com a vontade de Deus em todas as suas grandes molestias era a mais rara, dizendo sempre, como tantas vezes lho ouvi dizer, que era hum miserável peccador, e que tudo o que padecia era pouco, ou nada, para o que merecia. A sua caridade para com todos os enfermos, e necessitados, era de sorte, que não havia termos, nem limites, em que pudesse caber. Era verdadeiramente como hum mar, que trasborda, e inunda, quando dentro das suas circunferências não pôde conter a vastidão immensa das suas agoas; sim era; pois não bastando para a compreender todos os ambitos dos seus Reynos, e Dominios, e nem ainda os do mundo todo, trasbordava, e sahia fora delles, dilatando-se até o Purgatorio, aonde chegava com huma inundaçaô de Misfas, e Suffragios a extinguir, e apagar as ateadas chammas, que nelle ardem, e a dar refrigério, e alivio ás Almas, que nelas se estavão abrazando. A veneraçao a todas as Religioens Sagradas, e a seus Patriarcas Santíssimos era sem exemplo. A que tributava ao nosso, e ao seu Habito, era tal, que a nenhum dos seus filhos faltava, sem lhes tomar primeiro a bençao, e não satisfeito com isto, o punha também sobre a cabeça, como tantas vezes lho vi fazer; chegando a tal extremo a sua
sua devoção, que vestido com o mesmo Habito, que tanto venerara na vida, quiz que fosse levado o seu corpo á sepultura. Em fim, a estimação, e amor á sua Venerável Ordem Terceira, de que era Filho, em nenhumas expressões pôde caber. Diga-o aquelle dia sétimo de Dezembro assinalado por Vespera da Immaculada Conceição de nossa Senhora, que elegeo para fazer a sua Profissão; quando ao entrar á sua Real presença, me pedio o quizesse admittir a ella, e ajudar a fazer hum Acto de Contrição, não obstante, que aquella mesma hora acabava de commungar, no qual foraão as lagrimas tantas, que supprimindo-lhe as palavras, se suflcava com ellas. Diga-o aquelas recomendações, que então me fez; que publicamente em seu nome lhe pedisse perdo ao toda a Ordem de todos os seus defeitos, e negligencias, e de todo o escandal, e mão exemplo, que lhe houvesse dado. Fatal impulso! Mas assim succedeo, e não faltaraão testemunhas, que o presenciaraão. Diga-o aquella devoção, e fervor, com que dalli ao diante em todos os annos, que viveo, ficou ratificando a Profissão no mesmo dia, e recebendo todas as Absolviçoens, e Bençãos Papaes, a que precediaão sempre os mesmos Actos de Contrição.
Oração

... Diga-o finalmente aquella ancia, e cuidado, com que desejando a todos Filhos desta Ordem, me perguntava tantas vezes se o era já todas as Pessoas Reaes, não descansando com a resposta, em quanto com toda a distinção, e clareza lhe não mostrê por papel (como mo ordenou) o anno, e dia; em que havia entrado nella, e Professado; querendo, que todos se alistassem debaixo da Bandeira do Alferes Môr de JESU Christo Francisco; e advertindo para isso a todos os seus Domesticos, que se ainda o não tinham feito, o fizessem logo.

Assim estimava ElRey nosso Senhor esta Venerável Ordem Terceira; mas que muito, se com tal extremo amava ao Pay, que com os Filhos da Primeira no dia quatro de Outubro da sua Solemnidade, não só se sentava, e comia no Refeitório, em quanto lho não impedio a molestia; mas os chegou também a servir na mesma mesa! Excélsio tal de amor foi este para com toda a Religiao Serasica, que não cabe nos curtos rasgos da minha penna o descrevelo. Nos seus Annaes o escreverá com penas de ouro a mesma Religiao para a posteridade, e será sempre lido, e ouvido com admiraçoens; nem daqui ha passar a mais, nem eu o intento. Digo só, que chegado aquelle tempo, em que Deus tinha determinado dar a ElRey nosso Senhor o premio merecido pelas suas virtu...
virtudes, o prevenio por meyo de huma nova enfermidade, deixando-lhe livre, e desembaraçado o uso de todas as potencias, e sentidos, para que assim se dispuzesse melhor para a morte. Conhece-o El Rey, e teme-o como homem; pelo que revestido de animo, e constancia, se armou, e fortaleceu para o combate com o Divinissimo Sacramento, que Commun-gou no seu Oratorio, do qual passando á Tribuna a render ao mesmo Senhor as graças, dela se despedio, e voltou á sua Camara para morrer. Cresceu a doença, e cresceu com ella o cuidado, pelo que, na consideracao do perigo, forao tudo recursos ao Céo. Tudo o que em todos, e em toda a parte se via, e ouvia, erao Preces, tudo Deprecaçoes, tudo lagrimas, tudo gemidos, tudo Oraçoes, tudo Sacrificios, tudo penitencias, tudo votos, tudo Procissoes; em fim, tudo clamores a Deos, para que se compadecesse da sua necessidade, da sua afflictao, e do seu desamparo. Mas porque o mesmo Deos, que em outros semelhantes apertos, attendendo ás nossas supplicas, e a dar a Sua Magestade mais preciosa Coroa, lhe continuara entao a vida, no presente lha queria commutar com a eterna, permittio, que a doença chegasse a tal estado, que de todo se perdessem as esperanças da melhora. Neste, a que El Rey nosso Senhor se achava reduzido, se lhe aplicarao os ultimos, e mais violentos reme-
remedios, que sofreo com heroica paciencia; e inferindo do pouco, ou nada que lhe aproveitava, que Deus lhe estava batendo ás portas do coração, e o chamava para si, las abriu para o receber, como recebesse, por Viatico; fazendo primeiro com grande edificação dos circunstantes todos os actos de Christo, e repetindo amorosas Jaculatorias ao Divino Esposo da sua alma, que tinha presente.

Em fim advertindo, e conhecendo, que era chegado aos ultimos passos da sua vida, recebeu a Absolvição plenissima da sua Ordem Terceira, dizendo-me, que a pedia, e queria, e fazendo primeiro comigo os Actos de Fé, Esperança, e Caridade, e de Atricão, e Contricão. Recebeu depois a Indulgência Plenária, e Bencção Apostólica, aplicada pelo Exce lentíssimo Senhor Nuncio dos seus Reynos; e ultimamente o Sacramento da Extrema-Unção, administrado pelo Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, para o que, fez ainda com grande esforço, a consciência geral. Assim foi ElRey continuando, resignado todo na vontade de Deus, e fazendo-lhe repetidos actos de Amor, e de Esperança, até que chegados aquella hora tremenda, e ultimo instante, em que á morte se deixa por despojos a vida, e se passa do temporal ao eterno, com os olhos em huma Imagem de Christo Crucificado suavemente entregou a alma nas mãos do seu Creador pelas sete
fete horas, e alguns minutos da tarde do dia trinta e um de Julho, memorável sempre para Portugal. Estalaraão de dor os corações, rebentaraão pelos olhos as lágrimas, assoparaão-se com elhas as vozes, e os suspiros, e só nos soluços pode ter algum desafogo a magoa. Estas, como eu presenciei, foram as primeiras Exequias, com que se lamentou a sua morte, e sentiu a sua perda. Divulgou-se a notícia, e em todos os seus Vasallos foi geral, e sem con- folação o sentimento. Todos sentiram muito; assim como tinha sido também muito, o que perderaão; mas se quem mais perde, mais sente, a mais sentida entre todos, he esta Ordem; porque perdeo mais que todos. Todos he verdade perderaão muito; porque perderaão hum tal Rey; porém esta Ordem perdeo mais; porque sobre perder o mesmo Rey, perdeo nelle hum Filho, que tanto a honrava, e estimava, e tanto a engrandecia; hum Filho, em quem tinha tudo, o que queria, e podia desejara; e quem assim perde, sente mais; porque perde mais que todos. Huma muy sentida em semelhantes circunstâncias, nos dará a idéa deste sentimento.

Chorava Anna May de Tobias moço na consideraço da morte, e perda deste filho, e diz o Texto, que chorava com lágrimas irremediáveis: *Fletat igitur mater ejus irremediabilibus lacermis.* Notaveis lágrimas por certo, e tão no-
taveis, que se não acharão outras semelhantes em toda a Escritura! Lagrimas sem remedio: Irremediabilibus lacrymis! E qual seria o motivo? O mesmo Texto o declara: Omnia simul in te uno habentes. Chorava esta Mây, e era o objecto, e origem das suas lagrimas a falta de hum filho, em quem tinha tudo a mesma Mây: Omnia in te uno habentes; e agora na perda delle se considerava falta de tudo; e porque semelhantes faltas excedem todas as perdas, e todos os sentimentos, chorava esta Mây a falta de hum tal filho com lagrimas sem remedio: Flebat irremediabilibus lacrymis. Tudo tinha também esta penalizada Mây a Ordem Terceira no Filho, por ger chora: Omnia simul in te uno habentes, e tudo veyo a perder na sua falta: Logo porque a todos excede também na perda, e sentimento, chora com as mesmas lagrimas huma tal falta: Irremediabilibus lacrymis. Sim chora, e se reflectirmos no Texto, lhe justificaremos ainda mais a razaô, ao ver que assim chorava aquella Mây, Cô na consideraçaô de não vir o filho no dia assinalado: Eo quôd die statuto minime revertetur filius. Chorava huma ausencia, que podia ter, e teve remedio com a chegada de Tobias; e se ainda assim a chorou com lagrimas irremediaveis: Flebat irremediabilibus lacrymis, com que lagrimas se deve chorar huma ausencia, que não tem remedio, pois he ausencia, que fez a morte? Certo he, que poucas,
Cas, e insuficientes são todas as lagrimas, ou com remedio, ou sem elle, para chorar huma ausencia, que já não tem, nem pode ter remedio.

Chora pois, oh magoada Ordem Terceira, e chora sempre, visto que perdeste tudo, no Filho que perdeste: Omnia simul in te uno ha-bentes. Eterniza o pranto, que aonde são irremediaveis as lagrimas: Irremediabilibus lacrymis, não deve haver termo, nem fim nas suas correntes. Porém suspende-as por hum pouco, que algum alivio se descobre á tua magoa. Considere, que se te falta este Filho, e te falta nelle tudo, tudo tens no Filho, que te deixou, adornado das mesmas virtudes, e revestido para contigo do mesmo amor, que te estimará tanto, como o mesmo porque chorás. Assim será, e não te falta já razoens, e fundamentos para o esperares assim; pois de presumir he, que quem tantas honras te fez, quando Principe, tas fará ainda mayores, quando Rey. Mas ainda assim continua o teu pranto pela ausencia sem remedio, do que perdeste; chora, e choremos todos a falta do nosso Rey; e ao ver cahida da sua Real Cabeça aquella Coroa, rompamos em sentidíssimos ays: Céstit corona capitis nostri: Vae nobis. Assim o fazemos já, oh Monarca insignis, e o faremos sempre; pois em quanto houver no mundo memoria, residirá a Nação Portugueza unida por amor a esse Real monu-
monumento, suspirando saudosa, gemo e triste, e chorando magoadas humildes tão grande perdida, e se houver de admitir algum lenitivo, será somente o da consideração, de que o Supremo Remunerador de todas as virtudes coroaria as de Vossa Magestade com o eterno dia dema da Gloria.

46  Oração Funebre.

F I M.
ORAÇÃO FUNEBRE
NAS EXEQUIAS
DO ILUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO
SENHOR
D. DUARTE ANTONIO
DA CAMARA,
SEGUIDO MARQUEZ DE TANCEOS;
NA FREGUEZIA DE S. CHRISTOVÃO
POE CELEBRAR
A IRMANDADE DO SANTÍSSIMO,
DA QUAL ERA JUIZ PERFETUO;
OFERECIDA
AO ILUSTRÍSSIMO, E EXCELENTÍSSIMO
SENHOR
CONDE DE AVEIRAS,
MARÍCIAL, GOVERNADOR DE ÉVORA,
VÊDIR DA SENHORA REINHA MAI, &c. &c.
RECITOU
O P. P. JOSÉ DA CONCEIÇÃO LISBOA,
Religião de S. Francisco da Província de Portugal.
Aos 28 de Julho de 1779, em que fazia o dia triste
do seu falecimento.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRÁFICA
Com Lisos e na f. Mina Conferta.
Oração: Fuhebre:

...mento, suspirando fundo, gemendo trista, expressando com grande pen-

... do seu reino e alicerçar algum lenitivo para que o Supre-

... as virtudes coroar, de Vossa Majestade como o eterno dia-

FIM.
A SEU GRANDE DEMITITOR
O EXCELENTISSIMO SENHOR
D. NUNO ALVARES
PEREIRA DE MELLO,
Primeiro-Duque do Cadaval, &c.
SELO EXCELENTISSIMO SENHOR
D. MANOEL CAETANO
DE SOUSA,

EMBOAS OCCIDENTAL
Nº Oficina de JOSEPH ANTONIO DA SILVA
Impressor da Academia Real.